



## A TIRANIA DA FELICIDADE E O MUNDO DO TRABALHO

Uma conversa franca sobre a  
obrigação de ser feliz



FÓRUM  
CRISTÃO DE  
PROFISSIONAIS



# A TIRANIA DA FELICIDADE E O MUNDO DO TRABALHO

Uma conversa franca sobre a  
obrigação de ser feliz

*Ed René Kivitz*



FÓRUM  
CRISTÃO DE  
PROFISSIONAIS

*Vivemos numa época que cultiva a subjetividade tanto quanto nenhuma outra, que considera cada vez mais a busca da felicidade pessoal, entendida como ampliação dos prazeres e ganhos individuais, como o mais legítimo dos propósitos. [Otávio Frias Filho]*

*A principal preocupação da pessoa humana não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver sentido para sua vida. [Viktor Frankl]*

*O problema de cerca de um terço de meus pacientes não é diagnosticado clinicamente como neurose, mas resulta da falta de sentido de suas vidas vazias. Isto pode ser definido como a neurose geral de nossa época. [Carl Jung]*

*Perseguição da felicidade é o objetivo errado. Você não passa a ser uma pessoa feliz perseguindo o a felicidade. Você se torna feliz vivendo uma vida com significado. [Harold Kushner]*

*A necessidade de significado não é uma necessidade biológica, como a necessidade de ar e alimento. E não é também psicológica, como as necessidades de auto-estima e apreciação. É uma necessidade espiritual, uma sede fundamental de nossas almas. Assim, é para a religião que nos devemos dirigir se quisermos encontrar as respostas. [Harold Kushner]*

*A felicidade é assunto para corajosos. [Luiz Felipe Pondé]*

## O PARADIGMA DA FELICIDADE

Pesquisas recentes<sup>1</sup> mostram que as pessoas possuem um ponto de estabilização da felicidade, um nível de alegria ao qual se retorna, não importa se o indivíduo tenha ganhado na loteria ou perdido a capacidade de utilizar seus membros. As experiências que muitos acreditam conduzir à felicidade não passam de picos de prazer que logo se dissipam e devolvem a pessoa ao seu status padrão de contentamento. A neurociência está descobrindo que quando as pessoas falam em felicidade, na verdade estão descrevendo estados de espírito, estão falando de momentos quando se sentem bem, em comparação a outros quando experimentam algum tipo de desconforto.

Parece correto, portanto, afirmar que as pessoas derivam seu conceito de felicidade de duas matrizes fundamentais: a intensidade e a quantidade de experiências de pico de alegria, e a média do estado de espírito no intervalo entre os picos eufóricos. Quando a vida de uma pessoa é cheia de boas notícias e seu estado de espírito mais comum é satisfatório, ela diz que é feliz. Regra geral, todos nós vivemos em ciclos de estados de espírito, e da dinâmica destes ciclos derivamos nosso “nível de felicidade”.

## TRÊS EQUÍVOCOS A RESPEITO DA FELICIDADE

Tem gente que pensa que a felicidade tem fórmula, que não pode acontecer sem determinados pré-requisitos, conquistas e circunstâncias, o que em parte é verdadeiro. Aristóteles dizia que “a vida feliz requer um certo acompanhamento de bens externos”. Mas também é verdade que certas coisas que muita

---

1- Cook, Gareth, Genes podem determinar a felicidade, *The Boston Globe*, edição de 12 de outubro de 2000.

gente acha que tornam a vida melhor – tais como dinheiro, beleza ou projeção social – não parecem ter importância como fator determinante da felicidade. Estudos realizados mostraram que as pessoas ficam felizes logo após um aumento de salário, mas que não há relação entre salário e felicidade definitiva. Não importa quão agitado seja o dia da formatura, educação não faz a vida mais feliz. Da mesma forma, avanços na vida social não têm efeitos profundos sobre a felicidade, pois a felicidade não está relacionada com as circunstâncias imediatas da vida de uma pessoa. Oscar Wilde tinha razão quando afirmou que “neste mundo só há duas tragédias – uma é não conseguir o que se quer, a outra é conseguir”. De fato, nunca estamos satisfeitos, pois tão logo conquistamos um desejo somos invadidos pela sensação de que “não era bem isso o que eu queria”.

Outro equívoco muito comum a respeito da felicidade é a expectativa de viver num estado de espírito de alegria perene. O sentir-se bem não é permanente nem poderia ser, pois o resultado seria uma complacência prazerosa. “A natureza utiliza a dor e o prazer como um bastão para nos guiar”, diz o psicólogo David Lykken<sup>2</sup>. Há quem diga, e com certa dose de razão, que a insatisfação é a mãe do progresso, pois a engenhosidade humana é resultado da busca constante de mais conforto e menos sofrimento. Por esta razão, um povo feliz pode se tornar um povo inerte, acomodado em um prazer que anestesia e paralisa. Aliás, a experiência do prazer como um fim em si mesmo, acaba em tédio, não em felicidade.

Um terceiro equívoco a respeito de felicidade é a crença no destino aleatório, como se algumas pessoas tivessem nascido para serem felizes e outras não. Uma espécie de loteria da felicidade. A priori, parece mesmo que todos vivemos à mercê de uma espécie de “loteria da felicidade”, e não sabemos explicar ao certo porque alguns têm uma vida que consideramos boa, enquanto outros amargam o sofrimento crônico. Por outro lado, o determinismo e o fatalismo esvaziam o ser humano de sua prerrogativa moral, isto é, como bem disse Sartre, “não importa o que a vida fez de você, o que importa é o que você fez com o que a vida fez de você”. Condições confortáveis de vida não são a mesma coisa que felicidade. A aleatoriedade da existência pode explicar coisas boas e coisas ruins que nos acontecem. Mas isso não é o mesmo que dizer que a felicidade simplesmente acontece. Pelo menos para os cristãos, destino é coisa a ser superada.

## **A VIDA E SEUS LIMÕES**

A vida nem sempre (ou quase nunca) nos trata como desejamos. O mundo é injusto. As tragédias e calamidades não escolhem a quem tentar destruir. De quando em vez, nada mais coerente do que estar com o estado de espírito perturbado.

---

2- Idem.

Nada mais natural do que o pranto no momento do luto, a angústia na situação de fome, o medo no meio da guerra, enfim, a cara contorcida no momento em que a vida se mostra amarga. Isso significa que nem todas as pessoas que vivem com um estado de espírito perturbado são responsáveis pelas causas que geraram a perturbação. Os profetas da auto-ajuda dizem que a causa do sofrimento não é o mundo, e sim nossa atitude diante dele. Bobagem. Nem sempre o estado de espírito perturbado começa do lado de dentro do coração. Não raras vezes resulta de circunstâncias adversas, variáveis fora do controle dos mortais como nós.

O mundo não obedece à justiça retributiva: coisas boas para pessoas boas, coisas ruins para pessoas ruins. Até porque, ninguém é totalmente mau. E ninguém é totalmente bom. Assim também o mundo e a vida. A história tem como protagonistas pessoas em quem o bem e o mal se misturam e se confundem, e portanto não pode ser tão exata: “navegar é preciso, viver não é preciso”. O rabino Harold Kushner está certo, vivemos num mundo em que “coisas ruins acontecem às pessoas boas, e coisas boas às pessoas ruins”, e ninguém mais se surpreende quando acontecem coisas ruins para todo mundo.

De vez em quando é bom sentar e chorar. Quando a dor é real, a lágrima é a menor distância do sorriso.

## INIMIGO ÍNTIMO

As discussões a respeito de ser o homem essencialmente bom, ou essencialmente mau, é extensa. O melhor das tradições filosóficas e teológicas ensina que o ser humano é naturalmente egoísta, egocêntrico, voltado para si mesmo, seu próprio bem estar e conforto. Esta característica humana, onde predomina o ego e faz com que ele desenvolva uma espécie de teomania: todo ego com arbítrio buscará a autonomia absoluta, desejará ser igual a Deus, ou mesmo ocupar o lugar de Deus. Isso é o que os teólogos chamam de pecado essencial ou original. Um status do ser que pretende se bastar. Em outras palavras, a criatura deu as costas para o Criador e pretendeu construir seu próprio mundo, com suas próprias leis, e administrá-lo com suas próprias capacidades.

A Bíblia fala de três tipos de pessoas: natural, carnal e espiritual [1Coríntios 2.14-16]. A primeira, natural, é simplesmente dominada pelos instintos da bio-sobrevivência, mais parecida com um bicho do que com gente. A segunda, carnal, vai um pouco mais longe e adquire consciência, mas dela se utiliza apenas para tentar exercer domínio sobre tudo e todos, em benefício próprio. A terceira, espiritual, transcendeu seu próprio universo de interesses e necessidades e se tornou altruísta, solidária, capaz de partilhar e empreender na comunhão. Coisa rara, se é que existe.

Em termos simples, o ser humano está em constante luta entre estas dimensões de sua constituição. Em linguagem bíblica se diz que “o espírito luta contra a carne” [Gálatas

5.16], e todo aquele que deseja experimentar a vida plena deve negar seu próprio ego [Mateus 16.24]. Este conflito é ilustrado em extremo na experiência de Paulo, apóstolo, quando grita desesperado: “Miserável homem que eu sou (...) porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio” [Romanos 7.7-24]. O que ele está dizendo é que existe dentro dele mesmo um inimigo íntimo, um “ego autônomo” que o impede de expressar sua verdadeira identidade. Por esta razão a Bíblia diz que o homem é pecador, isto é, vive sob o domínio “da carne” e do ego, fazendo a vontade de seus desejos e pensamentos autônomos em relação ao Criador, matriz e fonte de Vida [Efésios 2.1-3].

Não tenho dúvidas que boa parte do que consideramos infelicidade se explica por esta tendência humana de viver de maneira egoísta. Num mundo tão diverso, ninguém consegue ser feliz se tudo quanto valoriza é seu conforto e bem estar pessoal. As tradições de espiritualidade têm um ponto comum: concordam que as pessoas mais estabilizadas na vida e, por que não dizer, felizes, são aquelas que cultivam o espírito abnegado, solidário, altruísta. Este é mais um paradoxo da vida: o caminho da auto-realização é a negação do ego.

A proposta de Jesus a quem deseja passar da morte para a vida é clara: “Quem quiser me seguir tem que aceitar a minha liderança. Quem está na garupa não pega na rédea. Eu estou no comando. Não fujam do sofrimento. Abracem-no. Sigam-me, eu mostrarei a vocês como agir. Autoajuda não é ajuda, de jeito nenhum. O autossacrifício é o caminho – o meu caminho – para que vocês descubram sua verdadeira identidade. Qual é a vantagem de conquistar tudo o que se deseja e perder a si mesmo? O que vocês teriam para dar em troca de sua alma?” [Mateus 16.24-26, *A Mensagem, tradução de Eugene Peterson*].

## RELIGIÃO E FELICIDADE

Este estado de espírito perturbado se torna muito pior quando temperado pela culpa religiosa, especialmente para algumas pessoas sinceras e esclarecidas em sua experiência espiritual, que não encontram explicação para o descompasso entre sua fé e sua condição existencial. Como pouquíssima gente tem coragem de afirmar que Deus não funciona, a maioria acaba desconfiando da qualidade de sua fé ou de sua dinâmica de vida. A convicção de que Deus resolveria todos os problemas, somada à experiência da perturbação interior, leva ao desespero de quem está perdendo a guerra mesmo na parceria de um aliado onipotente. Isto é, quem acreditou que Deus seria a solução para uma vida plena, mas que, mesmo sendo íntegro em suas obrigações religiosas, vive ainda a ciranda nefasta de estado de espírito constantemente perturbado, chegou no limite, e se pergunta, “o que vem depois de Deus?” ou “o que posso tentar se já tentei até mesmo Deus?”.

Não são poucos os que estão sinceramente enganados em sua peregrinação espiritual. Caso seja possível, e assim creio, existe muita gente se relacionando com o Deus certo, mas da maneira errada. Sim, creio em falsos deuses – ídolos, em distinção ao que o apóstolo Paulo chamou de “único Deus vivo e verdadeiro” [1Tessalonicenses 1.9]. Muitas pessoas estão iludidas por falsas convicções a respeito de como experimentar a bondade de Deus. Crêem de fato que Deus é capaz de oferecer descanso para as nossas almas [Mateus 11.28-30], nos encher de paz que excede todo entendimento [Filipenses 4.6,7], de alegria plena [João 16.20-24] e vida abundante (ou completa) [João 10.10], mas desconhecem que isso implica a peregrinação espiritual e que tais realidades não são experiências automáticas de uma fé subjetiva, mais próxima da superstição do que de um compromisso de devoção a Deus, que talvez somente alguns poucos místicos e mestres espirituais conseguiram desenvolver.

## MANUAL PARA A FELICIDADE

As constatações até agora não ajudaram muito. A felicidade, qualquer que seja sua definição, não se explica por um estado de alegria permanente, não tem fórmula, não se confunde com conforto, e não pode ser explicada como fruto do acaso, vazia de conteúdo moral. A experiência religiosa não necessariamente resolve a questão, pois o coração humano é escravo de desejos insaciáveis (ou mesmo desconhecidos pelo desejan-te) e agoniza a inconsistência da finitude que aspira o bem e fracassa em concretizá-lo. A vida e o mundo também não ajudam: o lado de cá do céu não é um parque de diversões. Parece mesmo que estamos num beco sem saída.

Mas convenhamos, somos incansáveis em buscar soluções para a agonia. E insistimos em domar o leão. Não faltam gurus e propostas e caminhos. Uma das leituras possíveis da saga humana é essa observação dos caminhos que percorremos em busca do nirvana, do paraíso perdido, do céu, ou seja lá que nome você dê a essa tal felicidade.

A sociedade contemporânea vive à luz de um único mandamento: “Serás feliz”, que, traduzido, é “buscarás estar satisfeito com tudo o tempo todo”. Este único mandamento se decompõe em três outros “mini mandamentos”:

### [1] Eliminarás todo sofrimento

- *Negarás a dor*
- *Fugirás do desconforto*
- *Evitarás os fracassados*
- *Rejeitarás tudo quanto não te dá prazer*

### [2] Satisfarás todos os teus desejos

- *Conquistarás o máximo*
- *Buscarás o prazer acima de tudo*
- *Não passarás vontade*

- *Correrás atrás de todos os teus sonhos*
- *Não te sacrificarás por nada e ninguém*

### **[3] Realizarás teu pleno potencial**

- *Serás sempre o melhor*
- *Viverás sempre apaixonado*
- *Terás filhos perfeitos*
- *Prosperarás sempre*
- *Andarás sobre as águas*

## **FELICIDADE ARTIFICIAL**

Os médicos do passado diziam aos pacientes infelizes: “Viva tão bem quanto puder, pois não podemos ajudá-lo”. Essa é a observação de Ronald Dworkin, em seu livro *Felicidade artificial*.<sup>3</sup> Diz ele que os médicos aos poucos foram cedendo as dimensões não científicas do tratamento de seus pacientes a outros profissionais. Os dilemas sociais foram encaminhados aos assistentes sociais; os dilemas emocionais, aos psiquiatras, psicólogos e terapeutas; os dilemas éticos, aos filósofos e religiosos; e os dilemas espirituais, aos grupos de apoio das comunidades, especialmente religiosos. Esse processo transformou os médicos em meros “engenheiros do corpo”, dissociados dos problemas do dia-a-dia dos seus pacientes. Perdendo espaço e gradativamente sendo considerados inadequados para tratar das questões afetas à alma, os médicos retomaram a infelicidade como algo que merecia sua atenção. Mas seu paradigma de pensamento científico os fez tratar as questões da alma da mesma maneira que tratavam o corpo: questões bioquímicas que as drogas poderiam consertar. A medicina encontrou uma base física para a infelicidade e desenvolveu uma ideologia baseada em uma única palavra chave: neurotransmissores. Passaram a medicar a infelicidade com antidepressivos.

Não demorou para que as drogas fossem usadas não apenas para combater a infelicidade, mas também para promover mais felicidade. Bill Mansfield conta em tom de humor que “todo homem solteiro deve ter em seu armário de remédios pelo menos quatro drogas: Ecstasy, cocaína, Viagra e Ambiem”. O Ecstasy para ficar mais extrovertido, a cocaína como afrodisíaco, o Viagra para contrabalançar a leve depressão causada pelo Ecstasy e ajudar a “funcionar” a noite toda, e por fim, o Ambiem, para combater o efeito estimulante das outras drogas, ajudar a dormir, e combater os temores de não ter dinheiro para viver nessa maratona de prazer.

Dworkin faz sua análise dizendo que “a felicidade artificial me alarma. As pessoas que dela desfrutam não sentem a infelicidade de que precisam para tocar suas vidas para frente. Às vezes as pessoas precisam de uma massa crítica de infelicidade para empurrá-las para fora de uma má situação de vida, dando-lhes, desse modo, outra chance para serem

3- Dworkin, Ronald. *Felicidade artificial*. São Paulo: Planeta, 2007.

felizes; as pessoas artificialmente felizes perdem esse estímulo para a mudança. Com sua infelicidade apagada subitamente pela medicina, elas se perguntam: “Por que me aborrecer? As coisas não estão tão más”. Com a vida artificialmente limpa e confortável, elas ficam em seus velhos trilhos, estagnadas em um charco de falsa felicidade, e sacrificam qualquer possibilidade de cair na realidade”.

Eis o problema: a realidade. Cair na realidade implica encarar de frente essa coisa maldita que habita o íntimo de cada ser humano. Como disse Thoreau, “a maioria dos homens vive uma experiência de silencioso desespero”. Ao desespero, somam-se palavras como angústia, desespero, absurdo e náusea, usadas e abusadas pelos filósofos existencialistas. Conviver com esse gosto amargo na boca é para poucos. A vida é para corajosos. A maioria foge mesmo da dor. Essa é a razão porque os apelos religiosos do tipo “Pare de Sofrer” fazem tanto sucesso.

Mas nem tudo está perdido. O psicólogo americano Steven Hayes<sup>4</sup> é uma das vozes mais populares à crítica das propostas que ensinam que o caminho da felicidade consiste em abandonar pensamentos e sentimentos negativos e correr para longe da dor e do sofrimento.

“Estamos vivendo uma espécie de ditadura da felicidade”, diz Hayes. “Hoje, pela primeira vez na história da humanidade, existem tecnologia, remédios e terapias para acabar com a dor”. Mas a verdade é que evitar os sentimentos dolorosos é também rejeitar a própria vida. Essa é a mensagem embutida nos suicídios – seis de cada dez casos, os suicidas deixam bilhetes dizendo que já não aguentavam mais suportar o sofrimento.

Hayes diz que a maioria das pessoas vê a felicidade como uma sequência de momentos de bem estar e tenta preencher a vida com episódios efêmeros de satisfação e prazer. O problema é que no dia seguinte de uma noite divertida, a vida não está melhor e não há nada que se possa fazer para evitar que aconteçam coisas ruins. Conviver com a inevitabilidade da morte, recordar a perda de uma pessoa amada, remoer as culpas, sofrer a traição, a rejeição e o abandono, enfrentar uma doença, são experiências próprias do cotidiano de todo mundo.

## CRITÉRIOS

É quase impossível encontrar uma definição completa e definitiva para a felicidade. O mais adequado seria seguir a sugestão de Richard Schoch, em sua obra *A história da [in] felicidade*,<sup>5</sup> a saber, associar a felicidade a alguns critérios. Mais precisamente, quatro: prazer, desejo, razão e sofrimento. Nesse sentido, em primeiro lugar, a felicidade seria algo relacionado

4- Hayes, Steven. *Get Out of Your Mind and Into Your Life* [Saia de sua mente e entre em sua vida]. Oakland, CA: New Harbinger Publications, 2005.

5- Schoch, Richard. *A história da [in] felicidade*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2011. Comentários de Luiz Felipe Pondé: Podcast Rádio Folha: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/podcasts/949589-luiz-felipe-ponde-chave-da-felicidade-esta-no-sofrimento.shtml>.

ao prazer, mas com a advertência de que, se por um lado, sem prazer não há felicidade, quem pensa em prazer o tempo inteiro, acaba ficando só com o prazer, sem a felicidade.

Em segundo lugar, a felicidade tem a ver com a capacidade de realizar o desejo, mas, ao mesmo tempo, tem a ver com a capacidade de perceber que às vezes o desejo é também algo destrutivo.

A felicidade, em terceiro lugar, está associada à capacidade humana de ser racional, pois quando deixamos de usar a razão deixamos de ser humanos. É a razão que nos distingue dos animais, e nos mantém acima da mera existência baseada nos instintos e apetites biologicamente determinados.

Finalmente, a felicidade deve ser compreendida em sua relação com o sofrimento: capacidade de aceitar o sofrimento e tentar mudar o que for possível. Esta é a sabedoria recomendada por Viktor Frankl: “Se a situação é boa, desfrute-a; se é ruim, transforme-a; se não pode ser transformada, transforme-se”.

## **BEM-AVENTURADOS, ASHRÉI, MAKÁRIOS**

A discussão a respeito da felicidade pode se estender na busca da distinção entre ser feliz, estar feliz e sentir-se feliz, e como a felicidade é diferente da alegria, que, por sua vez, é diferente da euforia. Mas isso é complicar demais a coisa, pois o fato é que se você é feliz, então você se sente feliz, e este sentimento de felicidade é necessariamente um estado de espírito, que pode ser duradouro, razoavelmente comum, ou eventual.

Também podemos seguir criticando a tirania da felicidade e as diferentes propostas para uma vida feliz. Os teóricos da saúde mental se multiplicam, os analistas sociais debatem o tema quase à exaustão, a história da filosofia é riquíssima em reflexões relevantes, e as tradições religiosas oferecem um cardápio com sugestões que merecem nossa atenção.

Sou cristão. Acredito que a Bíblia Sagrada é um referencial divino para o bem viver. A Bíblia também fala de felicidade. De um modo diferente, mas fala. Os poetas hebreus, por exemplo, não se dedicam a definir a felicidade, mas se ocupam em descrever a pessoa feliz.

*Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto no seu tempo; as suas folhas não cairão, e tudo quanto fizer prosperará. [Salmo 1.1-3]*

*Felizes todos aqueles que confiam no Filho de Deus. [Salmo 2.2]*

*Felizes os que habitam casa de Deus; louvar-te-ão continuamente. [Salmo 84.4]*

*Feliz o homem cuja força está em Deus, em cujo coração estão os caminhos aplanados. [Salmo 84.5]*

*Felizes os retos em seus caminhos, que andam na lei do SENHOR; felizes os que guardam os seus testemunhos, e que o buscam com todo o coração. [Salmo 119.1]*

*Feliz aquele que teme ao SENHOR e anda nos seus caminhos. [Salmo 128.1]*

Dois conceitos, entretanto, me chamam especial atenção. O primeiro é bem desenvolvido por Paulo, apóstolo, muito provavelmente sob influência do estoicismo, mas com um acréscimo que faz toda a diferença: “tudo posso em Deus que me fortalece” [Filipenses 4.13]. A palavra felicidade é então substituída por outra, a saber: contentamento, que o apóstolo Paulo define como a capacidade de estar satisfeito (se adaptar) em qualquer circunstância [Filipenses 4.11]. Esse tipo de contentamento não se explica pelas circunstâncias favoráveis e ou confortáveis, mas por uma resposta moral à existência. O apóstolo trata a felicidade como uma questão moral, onde a pergunta correta é “como posso viver de modo digno?”, em vez de “como posso ser feliz?”. A felicidade tem mais a ver com virtude do que com conforto, satisfação e realização pessoal.

A palavra grega usada pelo apóstolo Paulo tem seu equivalente no latim “contentu” (contido), e sugere a idéia de conteúdo. Nesse caso, contente é aquele que tem conteúdo em si mesmo, ou é capaz de usufruir o conteúdo da realidade na qual está inserido. Em outras palavras, em qualquer lugar, em qualquer companhia, em qualquer circunstância, existe possibilidade de contentamento, mas somente para aqueles que sabem explorar suas riquezas interiores ou as potencialidades do momento, ou as duas.

“A realidade sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação de vida é irrepetível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único. Os significados dos momentos que são únicos, são objetos da descoberta pessoal. Eles devem ser procurados e encontrados por cada um. Desde que a situação é sempre única, com um sentido que é também necessariamente único, segue-se que a possibilidade de fazer qualquer coisa em relação à situação é também única, porque é transitória. Ela possui uma qualidade, um kairós, isto é, se não aproveitarmos a oportunidade de dinamizar o sentido intrínseco e como que mergulhado na situação, o sentido passará e irá embora para sempre”<sup>6</sup>, disse Viktor Frankl.

A vida virtuosa é aquela que responde com dignidade e grandeza ao conteúdo do momento: realiza o sentido único de cada momento, o significado intrínseco de cada instante. Uma das mais intrigantes passagens da vida de Jesus acontece às

6- Frankl, Viktor. Um sentido para a vida. São Paulo: Ideias e Letras, 205

portas do túmulo de Lázaro, seu amigo [João 11]. Na verdade, a notícia de que Lázaro estava gravemente enfermo chegara quatro dias antes, com as palavras “Aquele a quem tu amas está à morte”. Jesus não se abalou com a notícia, nem alterou seus planos imediatos, pois tinha propósitos muito mais elevados do que a cura física de um amigo. Ao chegar à casa de Lázaro, recebe a notícia de que ele estava morto havia quatro dias. E nesse momento, chora. Mas, por que chora? Aliás, parece mesmo contraditório que Jesus, sabendo que ressuscitaria Lázaro dali a poucos minutos, se entregue às lágrimas e se deixe invadir por sentimentos para a maioria de nós indesejados.

Mas acredito em outra possível leitura dos fatos. O fato de que Lázaro voltaria à vida em poucos minutos, não anulava a realidade de que naquele exato momento estava morto. Diante de um amigo morto e rodeado de pessoas desesperadas, nada mais coerente do que experimentar a angústia, no mínimo por solidariedade e empatia. Jesus vivia um momento de cada vez. Aquele era um momento de morte, desespero e desesperança. Jesus chorou com elas, chorou por elas, e por ele mesmo, quem sabe. Em seguida, após a ressurreição de Lázaro, celebrou e participou de uma festa com a mesa farta. Um momento de cada vez. Um sentido próprio em cada situação. Um conteúdo realizado em cada circunstância. Contentamento.

Jesus também se dedicou a abordar o tema felicidade. Suas célebres afirmações que iniciam o Sermão do Monte, traduzidas como Beatitudes ou Bem Aventuranças, oferecem um novo horizonte de possibilidades para o que chamamos felicidade.

*Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.*

*Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.*

*Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.*

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.*

*Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.*

*Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus.*

*Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.*

*Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.*

*Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa os insultarem, perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.*

[Evangelho de Mateus 5.3-12]

As palavras usadas na Bíblia foram ashrei, no hebraico, e makarioi, em grego. Ashrei é a primeira palavra dos Salmos 1 e 119, exatamente a que Jesus usou para descrever a felicidade dos seus seguidores. Os lingüistas gostam de traduzir ashrei

por felizes ou bem-aventurados, mas na verdade, esta tradução reflete “suas tendências apologéticas e sincretistas: a filosofia grega, pensavam, não é a única a poder propor ao homem o ideal hedonista da felicidade”, diz André Chouraqui.<sup>7</sup>

“Ashréi repete-se 43 vezes na Bíblia hebraica. Esta exclamação (no plural), tem como radical *ashar*, que não evoca uma vaga felicidade de essência hedonista, mas implica uma retidão (*yashar*) do homem marchando na estrada sem obstáculos que leva a *Iahveh* e, aqui [no Sermão do Monte] em direção ao Reino de *Iahveh*. Todos os dicionários etimológicos do hebraico bíblico dão como primeiro sentido ao radical *ashar* o de marchar; ser feliz é um sentido secundário e tardio. O sentido fundamental de *ashar* é “andar” (como em Provérbios 4.14), “conduzir por uma via reta” (como em Provérbios 23.19). Em linguagem poética, *ashur* é o pé do homem. *Ashréi* pontua a dinâmica da salvação introduzida na vida do homem em marcha em direção ao Reino de *Iahveh*. A participação na felicidade de Deus, em que consiste a bem-aventurança perfeita, está acima e além das capacidades do homem em sua condição terrestre”.<sup>8</sup>

A melhor compreensão das palavras de Jesus sugere que o que chamamos felicidade consiste na caminhada rumo ao Reino de Deus, a utopia que anima a marcha na história. Utopia, do grego *u-topos*, isto é, “não lugar” ou “aquilo que ainda não encontrou lugar”, porque não se realiza na história, pois foi também quem disse “o meu Reino não é deste mundo” [João 18.36]. Mas como bem disse Eduardo Galeano, a utopia para isso serve, para nos ajudar a caminhar.

Para Jesus, o Reino de Deus é a referência que anima a caminhada humana na história. Iluminados por sua esperança de justiça e paz, os seguidores de Jesus seguem seu caminho realizando aqui e agora a máxima densidade possível do Reino de Deus que se consumará ali e além. Enquanto caminham conscientes de que de Deus é o Reino, suplicam “venha o teu reinado”, isto é, “seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”. Enquanto caminham e oram, o seguidores de Jesus se oferecem como instrumentos para que o bom desejo de Deus para sua criação e suas criaturas se manifeste em seu horizonte de influência. Não raras vezes colhem a hostilidade de um sistema organizado em bases de injustiça, opressão e escravidão. Também sofrem os infortúnios e as contingências de um universo que não é mais o paraíso do Édem, e ainda não experimenta a realidade do “novo céu e da nova terra” [Apocalipse 21] que emergirão no Reino de Deus a ser consumado no fim escatológico da história. Mas não se dão por vencidos. Não se deixam iludir por ideais de felicidade associados a “prazeres e ganhos individuais”, pois sabem que do lado de cá do céu, viver exige coragem e fé.

7- André Chouraqui, *A Bíblia: Matyah*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

8- Idem.

## FELICIDADE E TRABALHO

O que tudo isso tem a ver com o mundo do trabalho?

Imagino pelo menos três possibilidades de associações entre felicidade e trabalho. A primeira é a sugestão de que o trabalho é a fonte de recursos financeiros para o acesso às coisas que fazem a vida, senão mais feliz, pelo menos mais confortável. Desnecessário argumentar o fato de que o dinheiro não traz a felicidade. Nem compra, nem manda buscar. Mas podemos pensar um pouco melhor no assunto.

Por exemplo, podemos e devemos refletir o que dizem os mais recentes estudos a respeito da relação entre dinheiro e felicidade. “O bem-estar emocional das pessoas – ou seja, felicidade – é proporcional à sua renda, até o patamar de 75 mil dólares anuais”, conforme estudo publicado no periódico científico *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*”.

Angus Deaton, economista do *Centro de Saúde e Bem-Estar da Universidade de Princeton*, e Daniel Kahneman, Nobel de Economia em 2002, analisaram uma pesquisa de opinião do Instituto Gallup, feita com 450 mil americanos em 2008 e 2009, e concluíram que o dinheiro afeta a experiência de contentamento com a vida que se leva. “A felicidade aumentava conforme a renda crescia, mas o efeito parava aos 75 mil dólares”, disseram. Constataram também que “dar mais dinheiro que 75 mil dólares não vai alterar significativamente o humor rotineiro de alguém”.

Os dados refletem a realidade norte-americana, e os números 75 mil dólares, cerca de 125 mil reais, são valores exagerados para o Brasil. O importante, entretanto, não é o valor em si, mas o fato de que a partir de um determinado patamar de ganho financeiro, o dinheiro deixa de afetar a noção particular de felicidade. Em outras palavras, as pessoas que estão próximas da linha de pobreza ou que não têm suas necessidades básicas de sobrevivência adequadamente atendidas tendem a se julgar menos felizes, mas entre os que superaram o desafio da sobrevivência, não faz muita diferença para a sensação de felicidade se o ganho anual é 100 mil ou um milhão.

A segunda possível relação entre trabalho e felicidade é a repetida ênfase de fazer do trabalho uma fonte de satisfação e realização pessoal. Não são poucos os que acreditam, como já foi sugerido, que a melhor coisa que alguém pode fazer na vida é “profissionalizar um hobby”, de modo a poder fazer apenas o que gosta. Mas sabemos que essa possibilidade é privilégio de poucos. A maioria de nós, impossibilitada de fazer o que gosta, precisa mesmo é aprender a gostar do que faz.

Finalmente, a relação trabalho e felicidade não deve ser buscada na conjunção entre prazer e satisfação e realização, nem mesmo na expectativa de remuneração e ganhos financeiros, mas na consciência de que é possível, sim, encontrar sentido e significado no que se faz. Não estou falando necessariamente em trabalhar para construir um mundo melhor, até porque o

mundo parece que vai de mal a pior. Isto é, não estou falando em um trabalho com sentido para o mundo, mas certamente de um trabalho com sentido para mim. Acredito, entretanto, que trabalho com sentido para mim é aquele que beneficia, de alguma maneira, os que estão ao meu redor, tanto os de perto como os de longe, tanto os meus, quanto os milhares que desconheço. O trabalho com sentido para mim é aquele que faz diferença, senão para o mundo, para alguém, em algum lugar do mundo. E essa diferença, apontando para a utopia do Reino de Deus, terá repercussão na eternidade: “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” [*Mateus 5.16*], ensinou Jesus. Isso basta.





**Local e mais informações:**

Igreja Batista de Água Branca | Rua Robert Bosch, 116

Barra Funda | 01141-010 - São Paulo - SP

[fcpl@ibab.com.br](mailto:fcpl@ibab.com.br) | [www.forumcristaoprofissionais.com](http://www.forumcristaoprofissionais.com)

[twitter.com/forumcristao](https://twitter.com/forumcristao)

[facebook.com/forumcristao](https://facebook.com/forumcristao)